

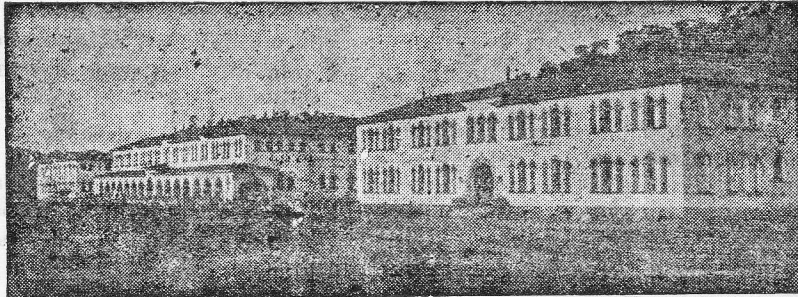
O CULTIVADOR

GERENTE

A. CASTRO

SECRETÁRIO

T. H. MATOS



MAIS PARA OS LAVRADORES, DO QUE PARA OS DOUTORES
Órgão Oficial, Informativo, Agrícola e Cultural da Escola Agrotécnica de Santa Teresa

ANO XI

São João de Petrópolis, JANEIRO de 1958

N.º 130

Natal Urbano e Rural

Não vou com as grandes cidades. Mormente nas vespersas de Natal, chego a detestá-las. Porque seu natal é aniquilante. É comercial, material, dispendioso. É presidido pela ganancia. É presidido por Papai Noel, essa figura lendária, inexpressiva e deturpada do espiritualismo Cristão.

Natal de lojas coloridas e luminosas que impigem a preços exorbitantes, essa miriade de inutilidades frageis, que são os brinquedos

Natal de competição, de exibição. De desigualdade. De cadilaques e apartamentos para filhos milionários e de bonequinhas de massa para os modestos lutadores e de, unicamente mais um dia de grande resignação, para os deserdados.

O Natal que se inunda de hinos de natal, quentes nas melodias, frias na origem, que são os discos de propaganda e as máquinas de gritar.

Detesto o Natal desse Papai Noel, que realmente não dá nada a ninguém, porque nada tem, porque nada é, apenas um mito escandinavo para empauar o Natal de Jesús.

O dono da festa é Jesús, aquele que dá,

Aquele que veio realmente. Aquele que fica esquecido na penumbra dos presépios e no silêncio das igrejas e dos sacrários.

Cá na roça, não ha Papai Noel, nem vitrines enfeitadas, nem altos falantes, nem exibição, nem brinquedos caros, nem desigualdades. Os brinquedos são os alçapões, as atiradeiras e as arapucas feitas pelos próprios meninos.

As luzes são as da lua, dos pirilampus na noite bucólica e das velas de cêra nos presépios e nos sacrários e aos pés das cruces.

O começo, o meio e o fim de Jesús.

As vozes, são dos sinos das capelinhas, que bimbam alegremente para as Missas do Galo; dos fiéis que cantam fervorosamente dentro das capelinhas. E dos bandos, estrada a fóra, de porta em porta, cantando «Reis».

Festejamos o advento de Jesús, verdadeiro dono do Natal. Aquele que é Aquele que veio. Aquele que ficou conosco. Aquele vem ao lar do nosso coração pela graça santa. Não pela chaminé. Aquele que põe nos sapatos das nossas esperanças, presentes de eternidade.

CURSO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

O Curso de Extensão de Economia Rural Doméstica, anexo a esta Escola, encerrou no dia 21 de Dezembro passado, mais uma etapa de suas atividades diplomando 20 moças do internato, com o curso completo e 10 do externato, com o curso de Córte, Costura e Bordados.

As concludentes do internato foram:

Teresinha Loss, Adelaide Morau, Malvina Rosa Zanetti, Ivete Zanetti, Odete Maria Corona, Maria Rocon, Maria Madalena Gazoli, Olga Gumiêro, Cecília Sperandio Merlo, Maria Cecília Salviato, Bernadette Maria Ziviana, Claudina Guizofi Gezebel Maria Penitente, Maria Augusta Simonasse, Faní Scotá, Janette Scardua Zaneide Luchi, Marlene Penitente, Luzia Serapião de Souza.

As concludentes do externato foram:

Eronдина Ferreira dos Santos, Clara Cazer, Deusditi Martins, Dalva Matiello, Lourdes Maria de Oliveira, Maria José Machado, Lourdes Regatieri, Laide Madalena Vivaldi, Zilda Mateddi.

Cresce dia a dia a confiança, o entusiasmo e a afluência de candidatas para o nosso modesto Curso de Economia Doméstica. Reconhecemos que isto, não é totalmente motivado pela eficiência ou outras grandes qualidades que ele possa ter, pois, ele sofre ainda, diversas deficiências, como de espaço, de equipamento e de professores. É em grande parte, devido á necessidade feminina de aprender, á ausencia quasi completa desses recursos educacionais no Estado, em relação á quantidade fabulosa de interessadas e á penúria da vida rural, sem esses conhecimentos básicos e elementares da mulher, para desempenhar os seus 50% de responsabilidade pela família, pela sociedade e pelo próprio êxito da agricultura.

Já um fazendeiro esclarecido, afirmou ha pouco tempo, que esse Curso, tinha mais utilidade para os lavradores, do que a própria Escola Agrotécnica. Acho que a utilidade é igual. A falta, a ausencia quasi completa de escolas profissionais femininas, torna-se assim, mais premente. Por isto mesmo, lamento profundamente que a vida seja tão curta e os recursos financeiros tão mingua-dos, para acudir a essa onda de real suplica feminina, por migalhas educacionais.

Fala-se muito em estancar o êxodo. ru-

ral e não se combate com a eficiência e o volume devidos, a ignorancia feminina, que é sem dúvida, uma das mais fortes causas desse êxodo.

A mulher rural tem, sem dúvida nenhuma, 50% dessa responsabilidade e não se lhe dá mais do que 5% de possibilidades educacionais, para o bom desempenho de suas tão sagradas funções.

E, honra seja feita, esses 5% de oportunidades, são quase exclusivamente devidos á visão e ao patriotismo do Superintendente do Ensino Agrícola e Veterinário, que já espalhou mais de 50 desses cursos rápidos e de outros mais adeantados no Brasil.

Outros homens públicos, precisam como êle, olhar mais para os campos em franco despovoamento. As cidades já tem muito e as mulheres de lá, não podem substituir as camponezas heroicas.

Que esse exemplo e esse brado, sejam bem ponderados por quem de direito, para a salvação da população rural, que, acessada pela ignorancia e consequentes privações, foge dos campos, em busca dos falazes ouropéis urbanos.

Este Brasil precisa refletir, que está derivando perigosamente para a industrialização, sem ter formado o lastro da verdadeira produção que é a agricultura, esse front indispensável á vitória.

Seja um bemfeitor da Pátria protegendo as florestas contra o FCGO.

Este jornal é composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Escola Agrotécnica de Santa Teresa.

CÔCO ANÃO OU CÔCO COMUM?

Começou há poucos anos, uma corrida geral atrás de mudas do Côco Anão. O próprio Fomento mandou buscar sementes do Nordeste, enviou e vendeu mudas a 50 e a 20 cruzeiros.

Particulares gananciosos, venderam até a 300 cruzeiros.

O pior é que muitos simplórios compraram enganados, mudas do côco comum por tais preços.

Finalmente depois das observações, chegamos a conclusão de que o côco anão, não é melhor do que o nosso côco comum.

Ele tem as vantagens de precocidade (produzir mais cedo) e de, enquanto novo, facilitar a colheita, por ser anão.



EXPEDIENTE

"O CULTIVADOR" é um órgão de divulgação mensal de ensinamentos e notícias sobre a Agricultura, Pecuária e Indústrias Rurais.

Destinado a atender às classes produtoras do Estado do Espírito Santo, constitui por assim dizer o traço de união que as liga à Escola Agrotécnica de Santa Teresa.

São seus colaboradores os professores e funcionários desta Escola.

"O CULTIVADOR" aceitará com satisfação as consultas dos lavradores e de todas as pessoas interessadas no magno problema da produção.

Assinatura Anual — CR\$ 20,00.

CORRESPONDÊNCIA

Redação de "O CULTIVADOR"
Escola Agrotécnica
São João de Petrópolis
Estado do Espírito Santo

Vem entretanto, as desvantagens. Pelo menos aqui na Escola, as desvantagens superam as vantagens.

Ei-las:

- 1) É muito mais exigente quanto a terra á adubação e á humidade.
- 2) Os côcos são pequenos.
- 3) Os côcos são de pouca duração; estragam-se facilmente.
- 4) Cáem muito e mesmo, muitos cachos, exigindo um escoramento rigoroso dos cachos.
- 5) O coqueiro anão, cresce com o tempo e deixa de ser anão.

Estas desvantagens, ocorrem no nordeste também, conforme informações fidedignas. Por isto o côco anão lá, tem menos valor do que o comum.

Faltam-nos ainda observações sobre a longevidade dos coqueiros.

Sobre esse ponto, sabemos que o coqueiro comum, vive e produz muitos anos.

A maior vantagem que o anão ofereceu no Espírito Santo até agora, foi dos altos preços que obtiveram as sementes e as mudas. para muita gente ganhar dinheiro.

Mas daqui a alguns anos, quando ele estiver bem difundido, essa vantagem desaparecerá.

JUSTIÇA

As autoridades foram instituídas para defender a vida, o direito e a honra da sociedade.

O crime só medra LONGE, ou À SOMBRA delas.

LONGE, quando elas são insuficientes, incapazes ou inéptas para contê-lo.

À SOMBRA, quando compactuam com os criminosos.

L. R.

CUIDADO COM A RAIVA ATÍPICA

Notícias de Pernambuco («Diário de Pernambuco» de 2/1/58), citam o caso de um gato doente com tosse, baba e falta de ar, o qual, depois de morto foi examinado em laboratório, ficando constatado que a doença era RAIVA ATÍPICA, isto é, cujos sintomas não pareciam da raiva de nenhuma das duas espécies conhecidas: RAIVA MUDA e RAIVA FURIOSA.

Como sabemos, a Raiva Muda ou Paralítica, dá geralmente nos bovinos, equinos e outros animais, começando pela paralisia, dos quartos

traseiros e a Raiva Furiosa, dá nos cães e às vezes, em gatos os quais ficam furiosos e atacam as pessoas ou outros animais que encontram.

Qualquer destas duas, como a Atípica, é altamente contagiosa e portanto, seja o ser humano ou animal, mordido ou contaminado por por outra maneira, que não se vacine rigorosamente nos primeiros oito dias, morrerá infalivelmente com esta terrível doença.

Lembramo-nos de outro caso de um cachorrinho de estimação que começou latindo diferente, como se estivesse rouco. Vários curiosos, diziam que êle estava engasgado com osso ou espinha de peixe, chegando um deles, a enfiar o dedo na garganta para tirar o engasgo!

Verificou-se depois, que era a raiva furiosa!

Por isto é que chamamos a atenção. Cuidado com estes bichinhos de estimação, o cão e o gato, que vivem entre nós, brincando com as crianças e até dormindo nas camas.

CUIDADO COM OS VENENOS

1) Nos casos de envenenamento chame o médico.

2) Conserve todos os medicamentos, venenos e outros produtos químicos, fóra do alcance das crianças e longe dos alimentos.

3) Feche à chave todos os produtos perigosos.

4) Não ponha querosene, gasolina, arsênico, veneno contra ratos, etc, em vasilhas que possam fazer confusão.

5) Não coma nem sirva alimentos com cheiro ou aspecto de estragado.

6) Em tôdas as vasilhas contendo venenos, ponha um rótulo bem claro e escreva com tinta vermelha, a palavra «CUIDADO-VENENO».

7) Não use remédios velhos demais e com aspecto de estragados.

8) Jogue fóra os remédios velhos, estragados ou que não sirvam mais, assim como tôdas as substâncias duvidosas, que perderam o rótulo.

9) Abra um buraco fundo e despeje ali êsses remédios velhos e as substâncias duvidosas.

10) Não tome nem dê remédios ou bebidas no escuro. Procure certificar-se primeiro o que é.

11) Ensine as crianças a não comer nem beber medicamentos, produtos químicos, plantas ou frutinhas que encontram sem licença, dos pais.

12) O Blenco, o Arsênico, o H. C B., o Sulfato de Cobre, a Soda Cáustica, a Formicida, o Carrapaticida e outros inseticidas, devem ficar em lugar fechado à chave, de preferência fóra de casa, todos com letreiros.

13) Cuidado com os tabletes, as pílulas e os comprimidos, pois, as crianças podem comê-los como se fossem balas doces.

14) Mesmo na cozinha, todos os temperos, bicabornato, sal amoníaco, pó roial e outros devem ter letreiros.

15) Não use para nada, mesmo os temperos da cozinha que perderam os letreiros.

16) Os tachos de cobre devem ser bem ariados com limão e cinza ou sapolio e bombril, até ficarem brilhando, antes de usar.

17) Outras vasilhas ou talheres guardadas ha muito tempo, também devem antes, ser ariados.

18) Carnes peixes, camarões, sardinhas e outros mariscos, frescos ou enlatados, estragam-se facilmente e causam envenenamentos fataes.

Tirar muito leite o ano inteiro

O criador não deve ficar satisfeito com abundância de leite só «nas águas». O leite é necessário o ano inteiro e mais caso durante a seca.

Os pastos acabam na seca e as vacas não achando nada para comer, secam o leite e emagrecem, dando grandes prejuízos.

O criador precisa então, ter um bom talhão de cana e de capim guatemala, adubado e irrigado para alimentá-las.

Podendo, deve construir um silo trincheira e enchê-lo todo ano, de milho ou guatemala misturado com guando.

Além disto, tem ainda o recurso um pouco mais difícil dos farelos de trigo e de milho.

Como colher mais ovos

Não se deixe vencer pelo velho ditado: «Muita galinha e pouco ovo!» Se você tem galinhas deve colher ovos em abundância. Além de muito necessários para alimento da família, os ovos são a melhor renda das galinhas.

Como obter isto, em resumo:

1.º) Tendo galinhas leghornes puras ou mestiças, filhas de galos leghornes com galinhas comuns.

2.º) Alimentando bem as galinhas com mistura própria para poedeiras, ou com uma parte de milho e outra de leite, restos de comida, de carne, de sangue, sementes de guando, feijão cozido ou moido, osso em pó, e pó de concha ou cal, ou pedaços de pedra calcárea, verduras, areia grossa e água limpa e fresca.

Milho e pasto só, não chegam para as galinhas pôrem mais ovos.

Mamão com fartura

Se queres ter mamão com fartura, siga estes conselhos:

1.º) Plante todos os anos as mudas que precisar. Não fique contando com mamoeiros velhos.

2.º) Cada ano, plante seu grupo de mamoeiros em lugar diferente e distante dos já existentes onde passou ao menos 1 ano sem esta planta, para evitar doenças.

3.º) Enterre fundo os mamões e mamoeiros pôdres ou doentes para não contaminarem os outros.

4.º) As mudas devem ter no máximo 60 cm. de altura. As covas de 50x50 cm. bem adubadas com esterco e adubo fosfatado, terra frêscas ou irrigação semanal.

Este jornal é composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Escola Agrotécnica de Santa Teresa.

Um dos mais ricos ornamentos desta Escola é a sua produção agrícola, pecuária e industrial.

3.º) Saúde: As galinhas precisam de galinheiros, higienicos; precisam ter saúde.

4.º) Mandar para a panela tãda semana, as mãs poedeiras e as chocas.

Faltando uma dessas 4 condições, é inútil insistir, pois, você terá sempre muita galinha e pouco ovo.

Mortalidade Infantil é mais problema SOCIAL DO QUE MÉDICO

Dr. JOLINDO MARTINS — Do Livro *Se a Criança Voltasse...*

A afirmativa do título acima foi escrita menos para esclarecer o reduzido número de pessoas que ainda a desconhecem, do que para reavivar a memória de grande parte da população que a sabe verdadeira, mas que, propositalmente ou não, frequentemente a esquece.

Já dissemos que a mortalidade infantil é causada por duas ordens de fatores:— a) fatores médicos; b) fatores sociais.

Sobre a importância dos fatores sociais em relação com os fatores médicos, na determinação do óbito infantil, já há muitos anos expressou-se a inteligência cintilante do catedrático de pediatria da Faculdade de Medicina de São Paulo, o professor Pedro de Alcântara, dizendo que as causas médicas, isto é, as doenças da criança, são muitas vezes meras colaboradoras do óbito, representando simples pretexto para que a criança morra; compara êle as doenças a simples carrascos encarregados da execução de uma sentença capital, que já havia sido lavrada no Tribunal Superior das causas sociais.

Entre estas últimas, a miséria e a ignorância exercem o seu primado, decorrendo de uma outra ou do seu consórcio, tôdas as outras causas sociais, como por exemplo, a ilegitimidade, a irresponsabilidade paterna, o abandono, etc.

Seria de esperar, se isso não fôsse verdade, que em uma mesma região geográfica, as crianças da mesma idade, corressem os mesmos riscos de doença e de morte; mas como são os fatores sociais os que decidem sobre o direito de viver de uma criança, os coeficientes de mortalidade infantil são extremamente diferentes conforme o grupo social em que o estamos.

E vamos exemplificar o que afirmamos com dados retirados de um nosso inquérito, elaborado em 1952:— enquanto morrem com menos de 1 ano, 6% das crianças da Cidade Alta, na Ilha do Príncipe morrem 32% das crianças desse mesmo grupo etário.

Em um outro inquérito, publicado em 1951, no qual estudámos os fatos vitais dos 18 bairros que constituíam Vitória nessa época, chegámos também a uma estarecedora conclusão:— 14 bairros de Vitória tinham

em conjunto 77,8% da população e apenas 45,3% dos óbitos de menos de 1 ano; os outros 4 bairros, que eram os de Santo Antônio, Ilha do Príncipe, Maruípe e Gurigica, cujo número de habitantes constituía 22,2% do total da população, arcavam com 54,7% do total de óbitos de menos de um ano; isto significa que nesses quatro bairros pobres morre maior número de crianças que nos outros 14 reunidos, embora a população destes últimos seja quase quatro vezes maior.

Depois disso, poderá haver dúvida de que miséria e ignorância pesam mais que as doenças na mortalidade infantil?

Repetimos aqui o que uma vez já escrevemos há alguns anos:— «cabe aos economistas e aos professores, e não a nós médicos, a principal tarefa do combate à mortalidade infantil».

— N. do A.: A imensa maioria das residências dos bairros de Santo Antônio, Gurigica e Ilha do Príncipe, é constituída de paupérrimos mocambos.



Pe. DANIEL CAPROTTI F. M. I.
Grande amigo desta Escola

Para dizer bem, muitas bocas se calam; para dizer mal, muitas se abrem.
Sto. Antônio de Pádua

A Enxada

Refiro-me, Senhores, aos métodos rotineiros de cultivar a terra, empregados ainda pela maioria dos nossos lavradores; ao uso quasi exclusivo da enxada, da foice, do fogo nos trabalhos agrícolas. Essas ferramentas, como vistes aquí nos nossos campos, tomam um tempo imenso e precioso do lavrador e de seus filhos, tempo êsse que poderia ser reduzido à décima parte, com o uso das máquinas agrícolas.

Nesta época em que a mão de obra está cada dia mais valorizada na indústria e no comércio e quando os homens da lavoura estão sendo atraídos assustadoramente para as cidades, faz-se necessário que tornemos mais confortável, mais suave, mais produtiva e mais atraente a vida e o trabalho do campo, pagando melhores salários ao operário agrícola. E jamais, daqui para o futuro, poderemos realizar êsse programa sem abolir as ferramentas antiquadas em, pelo menos metade de nossos trabalhos agrícolas.

Não sou inimigo incondicional da enxada. Ela nos será ainda necessária em muitos trabalhos.

Concordo que as gerações passadas foram criadas e sustentadas no regime da enxada. Concordo que à enxada, os nossos antepassados construíram êste Brasil que nos foi legado, ora com o sacrifício do braço escravo, ora com sacrifício do braço livre, no meurejar insano, da manhã à noite, sob o sol causticante ou sob a chuva inclemente, ao gotejar abundante de suor, com a transformação implacável das mãos em blocos rijos de calos, símbolos que foram sempre da honradez e da dignidade. Concordo que a enxada abarrotou os armazens e os navios de café; abasteceu os mercados e as despensas, de gêneros alimentícios, dando ao Brasil o título de «país essencialmente agrícola». Mas de que valem argumentos tão veneráveis, históricos e reais, se outros argumentos mais

ponderáveis e mais reais se nos anteparam agora? Se como sucedâneo da enxada, apareceu a capinadeira que produz o serviço de dez homens, sendo êste serviço mais perfeito e mais útil para as plantas?

De que valem argumentos tão respeitáveis, quando contemplamos o êxodo irreprimível para as cidades, dos operários que não se sujeitam mais à enxada?

Tais argumentos são abafados pela grita altissonante dos lavradores, pedindo braços. São abafados ainda pela reclamação de que pelo serviço de enxada, não se pode mais pagar os salários que o operário precisa para o seu sustento.

Se mantivermos aqueles velhos argumentos, seremos esmagados, ao verificar que os heróis de trabalhos tão penoso, não conseguem recursos para o próprio sustento, para o próprio vestuário e para o próprio conforto, por mais modestos que sejam.

Seremos convencidos ao reconhecer que o produto da enxada é insuficiente para o abastecimento dos próprios mercados internos e ao clamor das cidades, carecendo de mais gêneros alimentícios, mais feijão, mais arroz, mais carne, mais leite, mais frutas, mais hortaliças.

Teremos remorsos ao ver nas cidades e mesmo no interior, cordões de crianças desnutridas e fracas, porque é caro para elas, o alimento que nossa enxada produziu.

Qual será enfim, o futuro da lavoura rotineira e deficitária, se ela for supreendida nessa situação, pelas justas e necessárias, reivindicações trabalhistas do operário rural, com o salário mínimo, redução de horas de trabalho, descanso semanal remunerado, indenização por acidentes de trabalho, férias anuais e aposentadoria?...

(Trecho do discurso de paraninfo pronunciado em 13 de Junho de 1947).

L. R.



O CULTIVADOR

Órgão Oficial, Informativo, Agrícola e Cultural da Escola Agrotécnica de Santa Teresa

ANO XI

São João de Petrópolis, JANEIRO de 1958

N.º 130

Avicultura

Atividades do Verão

Estamos em pleno verão. Muito calor e muita humidade. Ambiente favorável às doenças e pragas.

É mais frequente a COLERA AVIARIA, que mata a galinhada toda em poucos dias, começando pelos patos.

Ocorre mais a CORIZA CONTAGIOSA, com narinas catarrentas, espirros e aniquilamento.

Surge a COCCIDIOSIS nos pintos acima de 14 dias, com encopotamento, diarreia de sangue, dizimando-os. O EPITELIOMA ou «caroço» ou «prego», ataca pintos e frangos.

O PIOLHINHO das CHÓCAS, aparece, invade os ninhos das chócas e das poedeiras e o próprio galinheiro, matando pintinhos novos e espantando as galinhas.

Falta durante muitos dias, o sol, que é o higienizador por excelência e uma fonte inexgotável de vitamina «D».

As galinhas estão chegando exaustas, ao fim de um longo período de postura, prestes a entrarem na muda de penas e os seus ovos não tem mais boas condições de vitalidade para chocar.

por tudo isto, aconselha-se aos avicultores:

1) Não fazer incubação nem criação de pintos neste tempo. Bom tempo para isto, é de Maio a Setembro.

2) Polvilhar os ninhos, as galinhas pio-lhentas e os galinheiros com H.C.B.

3) Evitar humidade dentro dos galinheiros e águas paradas ou lama nos terreiros.

4) Dar água limpa para beber e usar bebedouros que as galinhas não sujem.

5) Adicionar gotas de benzocreol ou outro desinfetante na água de beber.

6) Matar as aves doentes e enterrá-las ou queimar.

7) Caso apareça a CÓLERA nos galinheiros da vizinhança, vacinar suas galinhas contra essa doença.

8) Evitar urubús nos seus terreiros.

9) Não comprar galinhas estranhas, nem misturá-las com as suas.

10) Proteger seus galinheiros contra os ventos noturnos e chuvas de vento.

11) Combater os focos de mósca (Veja o artigo «Novo Processo de Combate às Mósca», n.º 100, de Maio de 1955. deste jornal).



«Uma raça cujo espírito não defende o seu sólo e o seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro antes de ser por ele absorvida»

Ruy Barbosa

«É perfeito orador aquele que com seu discurso ensina, deleita e comove os ânimos dos seus ouvintes.

Cícero